

Nº 1

1976

EDUCAÇÃO E REALIDADE

ER

N1.1976

ER

Educação E Realidade

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**EDUCAÇÃO
E
REALIDADE**

Nº 1 — Fevereiro 1976

A PSICOLOGIA HUMANÍSTICA: OS MOTIVOS HUMANOS PARA VIVER SADIAMENTE

Juan José Mouriño Mosquera

“O desespero da finitude se revela na estreiteza do espírito. O indivíduo torna-se conformista e perde a sua individualidade por medo de convenções; reprime o lado impulsivo da sua natureza, em vez de utilizá-lo e canalizá-lo. Todavia, o desespero que resulta de tal situação passa muitas vezes desapercibido, pois o indivíduo se adapta a convenções de grupo...”

Kierkegaard nos lembra que o mundo está repleto de homens que conseguiram êxito, só que não conseguiram ser eles próprios”.
(GILES, Thomas Ranson. *História do existencialismo e da fenomenologia*, São Paulo, EPU, 1975)

O homem definido por si mesmo

Bugental afirma que o homem é definido pelo homem e que a própria existência joga um papel preponderante para construir a estrutura íntima de si mesmo e a relevância de um sentido **humano** que queira ser mais profundo.

Uma das tarefas urgentes da psicologia humanista consiste em entender o que é realmente a vivência humana por excelência, e analisar as virtualidades inatas dos homens, isto é, suas capacidades de pensar, agir, suas crenças, sua evolução, seus declínios, em última análise aqueles aspectos que propiciam significado e valor.

A procura de reconhecimento da experiência humana joga um papel preponderante na psicologia humanística. Ela trata de compreender as experiências que nos são familiares e estão presentes em nossa vida cotidiana, como o amor, a dor, a vontade de viver, a esperança, o desespero, o vazio, a solidão e especialmente a transcendência.

Vemos que a preocupação centra-se na subjetividade mais íntima do ser humano, isto porque, os aspectos apenas exteriores do comportamento dão uma perspectiva parcial do homem, que de modo algum nos esclarecem sobre os reais motivos da sua vida e do seu agir fulcral.

O estudo das potencialidades humanas, do seu desenvolvimento e realização, torna singular este novo enfoque da psicologia e isto porque o ser não olhado apenas como um simples organismo em evolução ou aprendizagem, mas como alguém que pode ter um plano vital e que tem como missão fundamental o realizar-se como **pessoa**.

Por outro lado o valor do humano está no enriquecimento que se obtém ao entrar em contato com outros seres humanos e estabelecer as relações que nos determinam, definem e confirmam. A experiência humana-humana é uma **experiência-no-outro** o que de certo modo dá sentido vital ao relacionamento das pessoas.

O que caracteriza de forma crucial a significação de homem é exatamente a **experiência**. Ela se compõe da percepção seletiva que o indivíduo faz das suas atuações em uma determinada sociedade, no seu envolvimento e transcendência, organizando as escolhas que continuamente são colocadas e desafiando a pessoa para uma consciência do seu "self" mais radical e profunda.

A distinção entre o "si-mesmo" e o mundo determina o nível de potencialidade e valor que cada pessoa formula perante o seu universo que abrange os ideais e as novas forças a serem desenvolvidas em um plano futuro.

A experiência humana, entretanto, não é simplesmente interação com outros; pressupõe também solidão e procura de significado íntimo, o que, por vezes, perturba o nível de relacionamento para com os demais.

Sabemos que o homem é um animal social, mas esta definição não explica satisfatoriamente a natureza mais íntima do homem; parece que o indivíduo é uma contradição interna fundamentada nas necessidades de conhecimento, informação e, por outro lado, nas necessidades de sensibilidade, empatia e compreensão. Além do mais, o homem está limitado pelo seu próprio ambiente, pelos condicionamentos à sua liberdade, e pela procura angustiosa de conhecer-se mais profundamente.

O problema que decorre do fechamento do ser humano perante os **outros** se reflete na sua forma peculiar de ver e colocar a sua imagem como executora de ações e de princípios que estrangulam a real vitalidade de plenitude humana.

A existência do **diálogo** parece ser relevante na determinação de níveis comportamentais de auto-percepção, o que quer dizer é a formulação mais nítida de uma consciência crítica valorativa que determina o próprio homem como sujeito da sua humanidade radical.

O mundo contemporâneo com as suas formas de conformidade, anonimato, fechamento e negação pessoal, torna os seres humanos objetos sem sentido das suas maneiras de agir, de tal modo que a falta de dignificação pessoal constitui um dos mais angustiantes dramas da nossa época.

Realmente a **hominização** exige que o indivíduo se **reconheça através do outro** e que construa conscientemente o seu viver com integridade e esperança.

Gale pergunta com propriedade: - **Que classe de criatura é o homem como para desenvolver uma aprendizagem humana?**

Evidente que existem homens de diferentes raças, credos, tamanhos, cores, com comportamentos bem diferenciados e experiências bastante divergentes. Entretanto, assustadoramente, os aspectos **comuns** são bem delimitados e nítidos. Assim temos:

- A comunicação de afeições, valores e atitudes têm um cunho plenamente comum a todos os homens.
- Os sentimentos de amor, ódio, hostilidade, indiferença e ansiedade são expressos em qualquer cultura ou latitude.
- A identificação de comportamentos e as aprendizagens através dos grupos e das sociedades têm um sentido universal e intemporal.
- A tendência para superar as limitações e necessidades básicas está presente em qualquer tipo de forma comportamental.
- O desenvolvimento de um quadro, o mais significativo, de si próprio, constitui a luta mais válida pela hominização.
- A descoberta de potencialidades individuais faz com que se torne mais valioso o princípio do significado pessoal, procurando um crescimento que se perpetue através do desenvolvimento da auto-imagem e da auto-estima.

O homem, definido por si mesmo, pretende uma superação do bem e do mal, que são condicionantes colocados pelos padrões culturais e toca, então, a este homem, iniciar o caminho da sua humanidade, modificando a sua cultura e a sua própria pessoa.

O modelo existencial de humanismo

A preocupação pela pessoa, no seu sentido mais profundo, é uma das metas da psicologia humanista, mas como esta linha psicológica está impregnada do existencialismo, a vida como forma **existente** toma uma força tão significativa que homem e existência são inseparáveis de um estudo radical, e, por vezes, cruel.

O dilema da pessoa no mundo atual é gritante e especialmente prenhe de angústia, medo, solidão, frustração e fechamento sem significado.

A solidão e a falta de valor constituem ingredientes que estão presentes em todos os momentos vitais, acelerando a desumanização e afastamento entre os seres humanos.

É evidente que existem vários tipos de solidão. Entre eles temos a solidão **plena**, isto é, a procura silenciosa de si mesmo que a pessoa mais madura realiza para melhor conhecer-se e entender os limites e abrangências da sua personalidade.

Outro tipo de solidão é a solidão **vazia**, na qual os indivíduos não encontram significado para a sua própria pessoa e tratam de preencher a sua vida de banalidades de modo a esquecer o profundo abismo existente em seu próprio ser.

A aprendizagem da solidão é tremendamente dolorosa, exigindo uma contínua revisão comportamental e levando a níveis de angústia que nem sempre são toleráveis pelos indivíduos. A solidão é um agulhão que pode promover uma maturidade mais profunda nas pessoas, assim como pode destruí-las.

A descoberta da verdadeira essência humana se realiza na solidão e torna-se nítida na medida em que os homens têm nitidez do que seja **ser** e, mais ainda, **quais potencialidades não foram exploradas** e em que ponto está o **tornar-se** realmente uma pessoa.

Por sua vez, a **responsabilidade**, a **liberdade** e a **intencionalidade** são características do existente, dando-lhe dimensão e perspectiva, tanto interna quanto externa.

A **responsabilidade** consiste em aceitar as incumbências e possíveis escolhas que nos são colocadas diariamente e que, freqüentemente, não tomamos a devida consciência. Por outro lado, a maior responsabilidade radica em aceitar a nossa própria pessoa, assumindo a identidade que nos corresponde e envolvendo-nos em um dever que está em íntima relação com as conseqüências dos nossos atos.

Cumpramos esclarecer que a responsabilidade não é simples obrigação, mas algo que tem validade desde o momento que recusamos o anonimato e o **não-ser**. Implica, claro está, em curso de ação bem definida e que tem como base o conhecimento, ou melhor ainda, a ânsia de conhecimento incisivo que deixa o superficial para penetrar no âmago das "coisas", traçando uma linha de vida que objetiva em viver esta vida da forma mais completa possível.

A liberdade e a escolha são temas de uma psicologia existencial que se patentizou no pensamento de Sartre quando diz: "Eu sou as minhas escolhas". Parece que a liberdade dá sentido a grande parte das ações humanas, estando ainda intimamente ligada às possibilidades que são propostas pela sociedade e pela cultura.

A maior liberdade está no acréscimo progressivo de **significação** vital, achando relevantes os nossos desempenhos e funções perante os outros e, especialmente ante nós mesmos.

A escolha determina a cada ser, pois a maior parte dos comportamentos se defrontam com a contingência de ter que eleger e, muitas vezes, a eleição não é almejada e nem tem sentido.

O “reconhecimento da necessidade” como denominou Spinoza, estabelece o princípio existencial de reconhecer a possibilidade de integração e de força íntima que o ser humano vislumbra como diretriz da sua real vida.

Heidegger diz que “a existência do homem consiste na última análise da sua liberdade, sua verdadeira liberdade”.

Temos como elementos também básicos da personalidade a consciência, a ansiedade e a autenticidade. Cremos que constituem o complemento primordial da liberdade e da escolha, entretanto cada um deles tem as suas próprias características e funções.

Cada pessoa precisa questionar a realidade na qual vive e dar-se conta da validade da mesma. Esta confrontação tem implicações imediatas sobre a auto-imagem e a auto-estima, representando a unicidade existencial da hominização. O tipo de vida que temos e o confronto que fazemos possibilita desenvolver uma consciência mais nítida que se reflete nas relações para conosco mesmo e especialmente para com os outros.

É sabido que a maior angústia decorre do **não-ser** estrangulado pelo consumo voraz e pela objetualização incrível que é desenvolvida no relacionamento, sendo os seres humanos utilizados e manipulados uns pelos outros.

Quando não se desenvolve uma consciência crítica de si mesmo, quando a solidão é plena, o ser humano passa a viver uma ansiedade aguda que impede o crescimento sadio da sua personalidade e como conseqüências mais fáticas temos as contínuas perturbações e violências psíquicas.

Bugental diz que a janela da consciência é o ponto básico de **ser** no mundo. Porém o estado consciente não é fácil de ser desenvolvido. Requer, em primeiro lugar, um desprendimento das fantasias e ilusões que desenvolvemos em demasia e que nos impedem de ver o verdadeiro horizonte no nosso “self”.

Como conseqüência mais imediata teríamos a necessidade contínua de desenvolver as nossas potencialidades até criar coerência e sentido profundo à nossa maneira de nos posicionarmos no mundo.

A consciência pessoal é o elemento que nos robustece para tolerar a ansiedade que permanentemente nos invade, fazendo com que percamos, por vezes, o real significado da nossa própria pessoa.

A ansiedade é existência. Todo homem partilha dela, porém os níveis que alcança não são iguais, dependendo dos diferentes tipos de seres humanos, assim como das várias culturas.

No seu bojo, a ansiedade transparece a fraqueza dos homens, suas recusas constantes à morte e o medo-pânico de perder a identidade, conquistada com tanto esforço em um mundo cruel e indiferente.

Uma razoável ansiedade promove o comportamento e leva o indivíduo a tentar estabelecer princípios de crescimento e maior significado, tendo como conseqüências mais válidas o desenvolvimento da pessoa dirigida para a maturação.

Infelizmente a ansiedade tem tido uma extraordinária evolução e vemos grande parte dos seres humanos devorados por ela, de tal modo que grande parte do viver se tem afundado em um verdadeiro caos e as relações humanas estão marcadas pela destrutividade, agressão e violenta manipulação.

Uma luta cruenta é a consecução da verdadeira autenticidade que consiste na **coragem** de ser realmente uma pessoa humana. A procura da verdade e o intento de continuamente **vir a ser**, formam o núcleo da autenticidade.

O homem está tratando de adiar uma verdadeira compreensividade do **outro**, através do que o **outro** é realmente, não como algo abstrato, mas como algo com autêntico sentido e força. Por isso, na medida em que entendo os sentimentos, interesses, esperanças, sonhos e ambições dos meus semelhantes, construí a minha própria estrutura e dou coerência humana à **minha pessoa**.

A abertura, a honestidade, a clareza pela minha parte pressupõem direções que admito para poder crescer, estabelecendo relações que implicam em verdadeiras aprendizagens de vida.

O último elemento existencial consiste na **procura de significado** e isto quer dizer, a procura de um **autêntico sentido para a vida**, ver a grandeza de nossa existência e a saúde que a mesma pode ter, no momento em que tratamos, como diz Frankl “de dar coerência e profundidade às nossas ações”. Além do mais, a procura de significado é um intento para fugir do “não-ser” e aprofundar a raiz de toda expressão vivencial.

Finalizando, diríamos que a construção de si mesmo é uma tarefa contínua, difícil e requer uma grande coragem. Porém esta construção é o caminho mais sincero para poder-se tornar mais sadio e humano.

Um projeto para tornar-se mais humano

Durante longo tempo o homem tem negado a si próprio o direito a uma saúde mais completa e eficaz. Preocupado com os objetos, esqueceu de sua própria pessoa, identificou-se com coisas e banalizou o relacionamento mais íntimo de amor e crescimento.

A cultura chega a um ponto de exaustão. A mágoa, o desespero e a solidão vazia tornaram-se insustentáveis e alienadoras, de tal modo que temos um mundo humano basicamente doente. A gravidade da situação é tal que não podemos permitir, por mais tempo, que a insanidade e a orgia desenfreada de objetualização proliferem por mais tempo.

Um novo modelo de homem é necessário. Não um homem hidráulico ou manipulável, mas um homem consciente da sua vida e, essencialmente, da sua dignidade.

Hadley Cantril propõe que seja examinada a experiência humana com novos olhos e que as condições da vida entre os homens mudem radicalmente,

não tratando de curar apenas, mas prevenindo a doença; em outras palavras, humanização à nossa civilização.

O professor de Princeton diz que o homem tem motivos enormemente válidos para ser sadio e que estes motivos devem ser entendidos e atendidos. Deste modo podemos apontar:

- O homem tem intrínseca necessidade de viver; o seu impulso para a vida é positivo e só ele o nega quando está profundamente cingido ou perturbado.

- O homem tem necessidade de segurança física e psicológica para proteger os seus ganhos e que lhe servem como plataforma, a partir da qual poderá almejar uma nova etapa de seu desenvolvimento. Entendemos com isto a especial relevância de satisfazer as básicas necessidades, sem as quais não se pode construir uma personalidade verdadeiramente humana.

- Os seres humanos procuram indefinidamente alargar os seus horizontes, tratando de enriquecer a qualidade das suas exigências, realmente, isto acontece de modo que, de uma forma ou outra, positiva ou negativamente (socialmente falando) o homem trata de se afirmar e dar tonalidade diferenciada à sua vida.

- O homem é um ser que **espera** e nada, nem ninguém, pode consolá-lo. Esta motivação nos mostra como o homem é um eterno insatisfeito, cujo questionamento assim se equaciona:- Amanhã o que eu farei? - De onde eu venho? - Como posso percorrer **este meu caminho**? A esperança é a característica talvez mais humana, pois através dela o homem revela o significado mais profundo. Deste modo foi capaz de construir uma natureza totalmente nova, que lhe deu continuidade e história.

O ser humano tem a capacidade de fazer coisas e o mais importante é que pode exercer esta potencialidade. Esta capacidade decorre das apetências humanas e do sentido de escolha que o homem desenvolve, de acordo com os seus motivos. A diferença do animal-homem com o resto dos animais está em que o homem reflete sobre **as coisas** e pode fazê-las, enquanto que o animal vive **imerso** nelas.

O homem tem a necessidade de liberdade para efetuar escolhas que dêem sentido ao seu agir. Entendemos aqui liberdade em sentido eminentemente psicológico e não político, e designa a possibilidade de que o indivíduo possa eleger de acordo com os seus desejos e ambições. De certo modo, a liberdade implica no homem consciente e responsável pelos seus próprios atos.

- O ser humano possui a necessidade de ser consciente de seu próprio valor. É verdadeiro que o considerar-se valioso joga um papel preponderante na vida dos homens, de tal modo que se trata de um sentimento profundo que ajuda a estruturar uma auto-imagem mais sadia e uma auto-estima mais adequada e objetiva.

O próprio valor tem seus alicerces nos desempenhos que socialmente realizamos e no papel que nos é conferido pela cultura, ao mesmo tempo, o valor toma maior significação quando nos damos conta, intrinsecamente, do que possuímos e do que ainda nos falta possuir. Claro que aqui não são colocados os “bens” materiais; trata-se de algo mais radical, ou seja, a consecução da nossa pessoa é o que está em jogo.

Os homens necessitam estar seguros de que a sociedade da qual fazem parte, espera realmente que seus membros alcancem as suas aspirações pessoais, que elas sejam realizadas. Isto nos indica que o homem não se conforma apenas ao seu sucesso pessoal, mas, almeja que exista um sentido social e especialmente que as suas ações tenham repercussão para o benefício da comunidade dos homens.

Tocaria perguntar: - Por que então essa terrível competição? Por que essa destrutividade? As respostas não são fáceis e exigem uma análise acurada da alienação do comportamento humano, especialmente no que diz respeito à inconsciente e cruel agressão para consigo próprio.

Concluindo, no mundo de artefatos o indivíduo sente morrer a sua autenticidade e ânsia de ser ele, de não possuir máscara, de tornar-se transparente, mas a voracidade e a falta de valor matam os seus legítimos anseios. É bem verdade que não precisamos de licença de ninguém para sermos humanos mas, paradoxalmente, afundamo-nos em abismo de iniquidade e suicídio, ao ignorarmos a nossa pessoa. Somos um objeto a mais, com um rótulo, um preço e posto em leilão no comércio do mundo

Conclusões

A relevância do que colocamos até aqui pode ser sintetizado nos seguintes princípios:

- a - O homem, como homem, supera a soma das suas partes.
- b - O homem torna-se humano em um contexto humano.
- c - O homem é consciência radical.
- d - O homem é escolha.
- e - O homem é intenção.

A saúde humana depende, de forma imediata, da realização de nós mesmos, dessa arquitetura difícil que é a criatura humana. Toca a cada um **se fazer**, a partir das suas referências e, este **se fazer** implica, necessariamente, no abandono do egoísmo e na aceitação humilde da nossa grandeza e da nossa miséria.

Tornar-se humano é uma aprendizagem; possivelmente a mais dolorosa das aprendizagens.

Antonio Machado, o sensível poeta espanhol, o expressou de forma genial nestes versos:

“Caminante, son tus huellas
el camino, y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante, no hay camino,
sino estelas en la mar”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AXLINE, Virginia. M. **In search of self**, Boston, Houghton Mifflin Company, 1969.
2. BAKAN, David. **Duality of human existence**, Chicago, Rand McNally & Company, 1966.
3. BARRET, William. **What is Existentialism?** New York, Grove Press, 1964.
4. BECKER, Ernest. **Birth and death of meaning**, New York, The Free Press, 1962.
5. BUBER, Martin. **Between man and man**, New York, the MacMillan Company, 1965.
6. **Knowledge of man**, New York, Humanities Press, 1965.
7. BUGENTAL, James (ed). **Challenges of humanistic psychology**, New York, Holt Rinehart and Winston, Inc, 1965.
8. CANTRIL, Hadley. **Pattern of human concerns**, New Brunswick, N.J. Rutgers University Press, 1966.
9. COHEN, John. **Humanistic Psychology**, New York, The MacMillan Company, 1962.
10. FRANKL, Viktor E. **Man's search for meaning**, Boston, Beacon Press, 1963.
11. JOURARD, Sidney & OVERLADE, Dan C. **Reconciliation: A theory of man transcending**, New York, Van Nostrand Reinhold, 1966.
12. MASLOW, Abraham H. **The farther reaches of human nature: An esalen book**, New York, The Viking Press, 1971.

13. MOSQUERA, Juan J.M. **Psicodinâmica do aprender**, Porto Alegre, Sulina, 1975.
14. - - - **O humano: Uma antropologia psicológica**, Porto Alegre, Sulina, 1975
15. MOUSTAKAS, Clark. **Loneliness**, Englewood Cliffs, N.J. Prentice-Hall Inc. 1961.